Ano XIV ... Nº 390 ... Uberaba/MG ... Junho/Julho/Agosto de 2015

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Violência
Jovem sofrem com exposição na Internet

06

Tribos
A identidade construída a partir dos grupos

10

Febre
Cinema se inspira em livros para bater recordes

16

Foto - Pri Ferraz

O charme dos anos 50

Estilo *Indie* conquista jovens

issuu-downloader.com

“Nóis só porta” Oakley

Para MC, *funk* ostentação surgiu como alternativa para apologia do mundo do crime nas canções

Foto: brainstorm9.com.br

Mariana Bananal
6º período de Jornalismo

Perdemos a brasilidade do *funk* para o *pop* e o *rap* dos Estados Unidos. O *funk* ostentação da Baixada Santista talvez seja o maior responsável por esta perda.

A incorporação das pesadas correntes de ouro e prata, do cifrão pendurado no pescoço, do boné de aba-reta e do clássico colanzinho Beyoncé às mulheres desvirtuaram a imagem do ritmo tipicamente carioca.

Se antes se via nos clipes coreografias bem ensaiadinhas em grupos, muito suingue e cenários tipicamente brasileiros, como a orla do Rio de Janeiro, hoje temos Camaro, Ferrari, RR, 1100 e Kawasaki.

Há ainda as festinhas privadas em mansões com piscina e mulher sobrando para cada homem. Sem falar da infinita contagem de “plaques de 100”. Eles só portam Oakley; elas só desfilam se for de Ecko Red.

Fica claro que dinheiro pode comprar tudo. No entanto, segundo o MC Boy dos Charmes, o *funk* ostentação faz as crianças se espelharem nos carros, nas correntes e nas mulheres em vez de criarem modelo de referência no mundo do crime, antes muito exaltado nas letras do ritmo.

Este parece ser o formato adotado pela moçada daqui pra frente. Até Valesca Popozuda, que tinha em cada coxa medidas superiores à da cintura de Gisele Bündchen, resolveu aderir ao aspecto magrinha e popozuda, eternizado no corpaço hiper-proporcional da musa Beyoncé.

No último clipe estrondoso de Valesca, Beijinho no Ombro, nota-se claramente a influência do estereótipo de Lady Gaga. Em outro clipe da funkeira, “Late que eu estou passando”, a referência à coreografia de “All the single ladies”, de Beyoncé, também é explícita.

Há espaço também para Anitta, que vive sendo apontada como plagiadora das grandes cantoras do pop, tanto em seu estilo de vestir, quanto em suas performances.

O *funk* ostentação conseguiu, ainda, um feito raro. Unificou os gostos da classe média e das classes D e E. Afinal, quem nunca ouviu um bacana ostentando no som de seu carro os melhores hits de Valesca Popozuda ou MC Guimê?

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** Celi Camargo (DF 1942 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ••• **Orientadora de Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiários:** Daniela Miranda e Eduarda Magalhães (6º período), Júlia Campos, Drica Miotto e Raphael Geraci (4º período) ••• **hImpressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Assumir homoafetividade **ainda é tabu**

Na atualidade, assumir-se gay para a família não é simples como pode parecer

Raphael Geraci
4º período de Jornalismo

Falar de homoafetividade, até hoje, causa certo desconforto em rodas de conversa ou em casa. A idade não importa. A pauta ainda é problemática. Os personagens desta reportagem, por exemplo, preferem nomes fictícios e vivem dilemas diferentes.

Miguel é jovem e estudante secundarista de 16 anos. Para todo o círculo externo é assumido. De rosto liso, sem as espinhas que assolam a idade, ele fala no assunto sem problemas. Uma sala de aula trouxe à tona memórias. Então, ele se sentiu confortável para falar. Nos contou que a família já sabe, mas prefere manter como se tudo estivesse como sempre. "Eles ficaram sabendo desde o dia em que meu pai, passando na rua, me viu beijar outro menino. Eu nunca imaginaria que meu pai passaria naquele local e naquele momento."

> Eles ficaram sabendo desde o dia em que meu pai me viu beijar outro menino

No dia, como conta o garoto, o pai o perguntou sobre a sua opção em frente a todos os familiares, na sala de casa. Com os olhos marejados, ele correu para o quarto e se escondeu.

A psicóloga clínica Silvânia Urzedo avalia este caso como a atitude típica dos familiares modernos. De acordo com ela, negar e tentar colocar o fato em segundo plano é a alternativa de muitas famílias para não abalar a estrutura e a imagem perante a sociedade. "Ignorar é questão de comodidade. É muito mais fácil você ignorar aquilo que você não quer ver. Quando eu vejo, eu tenho que assumir, falar, orientar e esclarecer. Se eu fizer que não estou vendo, não preciso assumir responsabilidades", ressalta a especialista.

No caso de Gabriela, a descoberta da orientação se iniciou quando, na escola, um olhar diferente passou a surgir para uma das colegas de sala. Inicialmente, ela também ficou receosa em responder às perguntas desta reportagem. Seus óculos de grau caíam constantemente, enquanto, de cabeça baixa, narrava os fatos. Após um tempo, se soltou e falou.

Quando voltei a perguntar sobre a colega de sala, ela respondeu que não a enxergava apenas como uma amiga, porém sentia, algo a mais que não sabia descrever. Com o passar do tempo, percebeu suas intenções.

Aos 17 anos, estava na casa da madrinha, quando seu segredo foi descoberto. A madrinha leu algumas conversas em seu celular. Ao ser indagada, não teve como esconder. Então, foi convocada uma reunião de família envolvendo também a mãe e o padrasto. Ela ficou sem saída, principalmente com as ordens e restrições impostas.

"Ela sabe o que é, sabe o que quer ser, mas isso não será definido, pois a mãe não permite", analisa a psicóloga Sivânia, reforçando que este tipo de repressão pode trazer problemas, como depressão, em qualquer idade.

José, 16 anos, vive uma situação diferente. A mãe aceita. Esguio e alto, ele se remexia enquanto sorria e contava suas memórias. Mesmo ao falar sobre homoafetividade, a mãe sempre perguntava, de forma irônica: "Filho, por que você não é gay?"

Ele, com bom humor, responde com outra pergunta: "a senhora ainda duvida?"

José conta que está namorando firme e faz planos: adotar uma menina e chamá-la de Alice. "A partir de como quer ser, ele pode optar por tornar-se um homem mais masculinizado ou não", analisa a psicóloga.

A mãe de José consentiu em falar sobre a posição do filho. Ela tem 49 anos e considera que, nos dias de hoje, cabe à família o papel de apoiar e proteger os que se assumem.

"Falar é fácil. Praticar é difícil. Os pais podem dizer que aceitam isso, porém, podem não querer conviver. Falam que aceitam, pois são pais, também por amor. Na verdade, não concordam."

issuu-downloader.com

Droga na família é motivo de acolhimento de menores em Araxá

Cerca de 95% dos acolhimentos na cidade são por envolvimento com drogas

Amanda Souza
4º período de Jornalismo

O consumo e o tráfico de drogas dos familiares são os motivos mais frequentes do acolhimento de crianças e adolescentes em Araxá, segundo o Conselho Tutelar.

A fim de melhorar a qualidade de vida dos menores em situação de risco em ambientes de drogadição, é realizado o acolhimento em instituições assistenciais. De acordo com a Casa de Acolhimento Social do Adolescente (Casa), estima-se que 95% de menores vítimas acolhidos atualmente têm envolvimento com drogas, seja do próprio indivíduo ou de sua família.

"Por mais que exista carinho da família, quando são usuários de drogas, eles perdem o controle deixando a criança em situação de risco", expõe a presidente do Conselho Tutelar de Araxá, Karla Heloísa de Souza.

A institucionalização de menores vítimas de desmazelo ou violência familiar ocorre apenas em casos graves. Karla afirma que o conselho recebe denúncias de jovens em risco, verifica a sua veracidade e, então, realiza o acompanhamento familiar.

Primeiramente, são testadas todas as medidas protetivas, como o encaminhamento da família para a assistência social, a promoção de recursos ou a providência de instituições para tratamento psicológico ou de toxicômanos. Se não houver resultados e a criança ou adolescente continuar em situação de risco, é realizado o acolhimento em uma casa do Estado. "A intenção é sanar os problemas para que a criança não seja retirada do âmbito familiar, mas quando a negligência continua, tenta-se agrupa-la à família extensa, como tios e avós. Não existindo a possibilidade é feito, então, o acolhimento", acentua Karla.

Foto: somostodosum.ig.com.br

Na casa de acolhimento, os especialistas tentam criar uma rotina próxima à de uma casa convencional

Assim que é detectada pelo conselho a necessidade de acolher a criança ou adolescente, o Juizado Especial é acionado. Oficial de apoio judicial da Vara da Infância e Juventude de Araxá, Cláudia Fátima Campos, explica que, no caso de descuido familiar, o Conselho Tutelar avisa a Vara da Infância e o juiz emite uma medida protetiva para afastar o agressor da vítima ou afastar a vítima do ambiente negligente. Quando a violência é vista em flagrante, o conselho encaminha o jovem diretamente ao abrigo e avisa ao Juizado dentro de 24 horas para que o juiz emita a guia de acolhimento.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o afastamento do jovem do convívio familiar é de competência exclusiva da autoridade judiciária. Nem sempre o acolhimento é de fácil aceitação da criança ou adolescente, sendo necessária, em alguns casos, a intervenção da Polícia Militar.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) realizou pesquisa, em 2004, em parceria com o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) e constatou que cerca de 20 mil crianças e adolescentes vivem em 589 abrigos no Brasil.

Realidade local

A cidade de Araxá conta com a Casa que recebe apenas menores vítimas, onde o intuito não é privar os jovens de liberdade, mas, sim, trabalhar a criança e a família para voltarem ao convívio.

O abrigo é composto por uma equipe técnica formada por assistente social, psicólogo, advogado, enfermeira e pedagogo, além da coordenação e da equipe de educadoras. Atualmente, a Casa acolhe duas crianças e três adolescentes. "Inicialmente, nós fazemos a apresentação da Casa, explicando como é seu funcionamento e preparamos as crianças que já estão aqui para receber as novas",

issuu-downloader.com

relata Valéria Pereira da Silva, assistente social da Casa.

No abrigo, a maioria dos casos está ligado a algum tipo de contato da família com drogas, mas há, também, casos de abuso sexual e extrema pobreza.

Na casa de acolhimento, procura-se proporcionar a rotina de uma casa normal. As educadoras acompanham os jovens em todas as suas atividades durante o dia, como escola, médico, natação, dentista, e a equipe técnica fica responsável pelo acompanhamento e trabalho com a família, como visitas, grupo familiar e reuniões de rede.

Valéria explica que as medidas pedagógicas são tomadas de forma individual. Cada criança ou adolescente possui um Plano Individual de Atendimento (PIA) em que constam todas as informações da criança e que, ao longo do tempo, é complementado por relatórios das atividades realizadas.

Em vários casos, o jovem tem dificuldade de se adaptar às novas regras e acaba fugindo da instituição. "A proposta não é obrigá-los a ficar aqui. Eles estão na casa para ser protegidos, então tentamos explicar isso aos que fogem", ilustra a assistente social.

A reintegração da criança ou adolescente à comunidade nem sempre ocorre tranquilamente. "Como elas já chegam com a sua própria cultura, a maior dificuldade é trabalhar valores; e a família tem dificuldade em aceitar, entender e executar seu papel", exemplifica.

Outro problema está ligado à eficácia dos métodos adotados. "É perceptível que se a criança vítima não é bem acompanhada, ela se torna um menor infrator. Há crianças que eu comecei acompanhar quando bem novas e hoje estão no tráfico, no Centro de Reeducação da Infância e do Adolescente (Cerad), na penitenciária ou até mortas", revela a conselheira Karla Heloísa de Souza.

Tempo

O acolhimento deve ter o período máximo de dois anos, mas nem sempre isso acontece. Valéria conta que existem três adolescentes que estão acolhidas há dez anos. Isso ocorre quando não existe possibilidade de reintegração na família original ou extensa e por não se adequarem à maioria dos perfis pedidos para adoção. "Agora, elas já estão quase inteirando a maioridade, por isso, estamos preparando a autonomia e restabelecimento de vínculos com a família e a comunidade", relata Valéria.

Recentemente, foi criado o projeto República para casos como esses, em que é feita a transição da casa de acolhimento para a sociedade. Na República, os adolescentes teriam apoio financeiro, social e profissional. "Nós já estamos planejando implantar esse projeto em Araxá futuramente", divulga a assistente social Valéria.

Foto: falaaeh.com

Ostentação infantil

Letícia Morais
6º período de Jornalismo

No mundo capitalista, sempre se encontra um motivo para presentear quem gostamos. Datas especiais já não são tão especiais assim para as crianças. Aquele brinquedo novo, elas já têm. O telefone da moda também. A roupa da estação, a mãe já fez questão de comprar. O que mais elas precisam? Tudo. Para os pais, sempre há algo novo para oferecer aos filhos.

Eles sempre merecem tudo do bom e melhor. Precisam crescer bem instruídos, se formar e se tornar o médico que seus pais sonharam, mas não puderam ser. Fazer aquela viagem para a Disney que não tiveram condições de ir com a turma escolar, na adolescência. Bonecas, computadores, tablets, smartphones, jogos eletrônicos e roupas da moda são os objetos que cercam a infância de hoje.

A realidade atual é essa: os pais querendo se realizar em seus primogênitos. No anseio de propiciar as melhores oportunidades para os filhos, esses pais procuram oferecer tudo e todas as oportunidades que não tiveram, como forma de suprir, inclusive, a própria ausência.

De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), 53% das crianças e adolescentes usam o *smartphone* para acessar a *Internet*. Os aparelhos celulares estão presentes em mais de 92,7% dos domicílios brasileiros. Subentende-se que cada filho possua seu próprio aparelho tecnológico para satisfazer suas próprias necessidades.

O excesso de presentes pode afetar o desenvolvimento social e o comportamento da criança. Mimar e tentar satisfazer todas as vontades do filho não fará com que ele se torne melhor ou que tenha mais conhecimento do que você.

Até que ponto oferecer tudo é saudável para o filho? Será que os pais não impedem que a criança faça suas próprias escolhas? Qual pai nunca disse para qual time você deveria torcer? Qual mãe nunca comentou que adoraria que você seguisse o desejo dela e se tornasse uma médica ou advogada?

Que tal deixar os presentes para datas especiais? Quem sabe, assim, a criança crescerá sabendo valorizar.

Ganhando tudo muito fácil, os filhos vivem uma verdadeira 'ostentação infantil' e não aprendem que não se pode ter tudo, a todo momento.

Os pais devem maneirar na hora de presentear e impor seus desejos aos filhos. Mostrar qual o melhor caminho a seguir e dar oportunidade de estudo e acesso às novas tecnologias pode ser um ótimo incentivo, mas presentear para suprir qualquer carência é privá-los de se tornarem um adulto capaz de realizar suas próprias escolhas.

issuu-downloader.com

Jovens sofrem com **exposição na Internet**

Julia Campos
4º período de Jornalismo

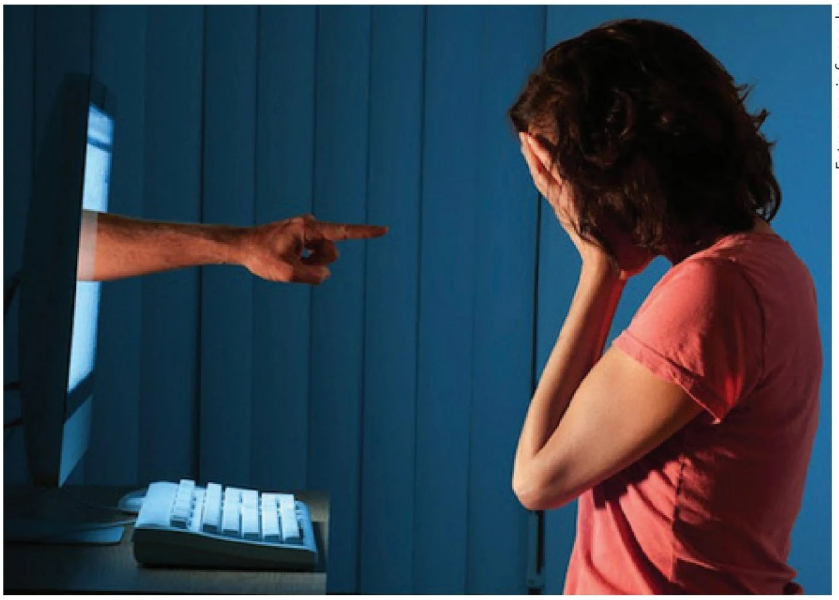


Foto: agencia.fiocruz.br

Número de casos envolvendo vazamento de imagens íntimas na internet cresceu 200%, segundo Safernet

No dia oito de setembro de 2012, os familiares de Flávia, que assim chamaremos nessa reportagem, receberam um aviso em uma rede social de um suposto amigo da jovem, na época, com 16 anos. A mensagem dizia: "Vi que você é parente da Flávia, e longe de mim querer fazer fofoca, mas olha essas fotos, ela está mandando para um monte de gente na internet, mostrando partes íntimas, e tal. Tente colocar juízo nela, porque eu e muitos amigos estamos preocupados". Junto da mensagem, havia realmente fotos íntimas de Flávia que ela tinha compartilhado com pessoas que realmente confiava.

Seus pais, tios e até o irmão, de seis anos, receberam as imagens. Embora o rosto da jovem não aparecesse nas imagens, não tiveram dúvidas pois, seus parentes, reconheceram o ambiente em que as fotos foram tiradas. Tratava-se do quarto dela, decorado com ursos de pelúcia que ela gostava. Depois disso, a vida de Flávia nunca mais foi a mesma.

Hoje, aos 19, a jovem conta que desenvolveu problemas de autoestima e confiança. As lembranças do ocorrido ainda a fazem gaguejar e desviar o olhar. Na época, quando compartilhou a foto no Orkut, não imaginou que isso poderia acontecer.

"O pessoal da comunidade estava conversando sobre isso. Houve toda uma pressão e indução pra eu postar, sabe? Eu, ingênua, acreditei e postei... Nunca me ofenderam tanto. Eu fiquei sem reação porque eram as mesmas pessoas! As que pediram e as que me xingaram... Eu era criança, não pensava direito nas coisas...", relembra Flávia, enquanto estralava os dedos.

Enquanto a jovem tenta apagar esse episódio da memória, outras pessoas parecem tentar impedi-la de esquecer. As mesmas pessoas da comunidade postam montagens ofensivas com as fotos de Flávia em grupos fechados e páginas no Facebook.

Para escapar, ela encontrou um refúgio. Passou a se vestir como personagens de animes (desenhos japoneses) que ela admira. O hábito é chamado de Cosplay. Assim, ela recuperou parte da autoconfiança e, hoje, já se sente segura para fazer apresentações em eventos voltados a este público.

Consequências

O caso de Flávia não é único. A Safernet, instituição não governamental que denuncia e fiscaliza crimes virtuais, divulgou que, em 2014, o maior número de casos atendidos pela entidade envolveu vazamentos de imagens íntimas. Além disso, desde 2013, o número de casos atendidos cresceu 200%, sendo que 81% das vítimas são mulheres.

Segundo a psicóloga Viviane Marega, os traumas psicológicos são incontáveis: problemas de autoestima, traumas, oscilação de humor e até depressão e psicose. "Em alguns casos, as vítimas recorrem inclusive ao suicídio. A exposição da privacidade de forma tão severa é extremamente prejudicial à vida de um jovem", salienta.

A psicóloga explica que durante a juventude muitos valores éticos e morais ainda não estão estabelecidos. Um eminente conflito poderá desencadear sentimento de culpa, vergonha e até instalações de traumas. "Outro agravante é ter esta imagem sempre associada à sua vida, o que pode fomentar preconceitos de todos os tipos, que poderão comprometer sua vida futura, principalmente nos campos afetivo e profissional."

A psicóloga ainda destaca a importância da preservação da privacidade. "Quando estamos em momentos privados, nos encontramos menos vulneráveis aos estímulos sociais externos. Portanto, evitamos os julgamentos e opiniões alheias que podem nos expor. Ter a privacidade invadida equivale

issuu-downloader.com

à completa exposição de vulnerabilidades e falhas", reforça.

Mais vítimas

Por vezes, a traição de ter suas particularidades expostas vem de pessoas que menos esperamos. Rita (nome fictício), uma estudante com 17 anos, teve sua privacidade invadida dois anos atrás pelo próprio namorado virtual. De acordo com ela, o rapaz, cerca de cinco anos mais velho que ela, vivia dizendo que a amava e demonstrava muitos ciúmes. Ela acabou caindo nos encantos dele. Logo, ele a induziu a enviar fotos nuas e jurou ser confiável. Depois de enviar as fotos, Rita descobriu que o namorado tinha outra namorada na vida real. Além disso, publicou a foto dela em uma comunidade no Orkut para inúmeros homens desconhecidos.

Rita foi humilhada. Criticaram seu corpo e sua índole. "Antes, eu nem ligava se eu era gorda ou magra, mas depois que rolou isso, não perderam tempo para dizer que eu era gorda, feia e que tenho seios caídos. Hoje em dia, acho exatamente isso", confidencia a jovem. Diferente de Flávia, ninguém do convívio de Rita soube do ocorrido.

O assunto é grave mas, por vezes, parece não ser visto como tal. Na maioria dos casos, faz-se necessário um apoio psicológico, tanto ao exposto como também à sua família e, conforme a gravidade do caso, apoio psiquiátrico.

Nos casos citados nestas reportagens, as vítimas não

> "Não perderam tempo para dizer que eu era gorda, feia e que tenho seios caídos

receberam o apoio necessário. Rita guarda o segredo para si. Já Flávia sofre pressão dos pais que, por não entenderem completamente a gravidade de tais exposições, usam o fato contra ela.

Legislação

A Lei Brasileira 12.737/2012, também conhecida como Lei Carolina Dieckmann, sancionada em 3 de dezembro de 2012, pune com reclusão ou multa à pessoa que invadir dispositivo informático alheio, visando violar ou adulterar dados sem autorização. Quando não há a invasão de dispositivos e sim a exposição de fotos da vítima tiradas em momentos de intimidade, o autor da ação poderá ser condenado pelos crimes de difamação e injúria, tipificados, respectivamente, nos artigos 139 e 140 do Código Penal. Para esse tipo de crime, a pena pode chegar à reclusão de um a três anos ou multa, que deve ser paga todo o mês durante o tempo decorrido da pena.

Denúncias podem ser realizadas pelos canais da Polícia Federal e da Safernet.

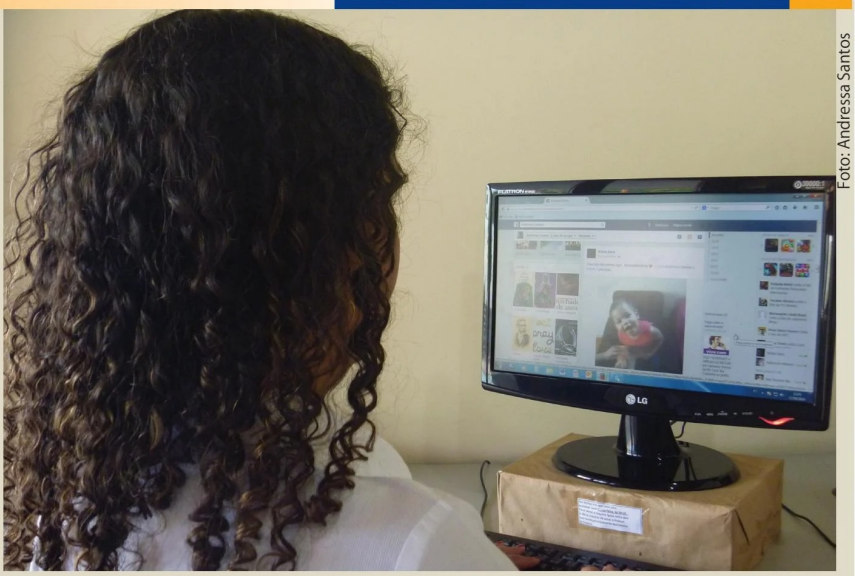


Foto: Andressa Santos

Redes nada sociais

Andressa Santos
8º período de Jornalismo

A internet é um fenômeno relativamente recente e as Redes Sociais são mais contemporâneas ainda. Uma forma moderna de praticar uma das necessidades mais básicas do ser humano: a de socializar, mas o que tem se visto é que estas tramas tecnológicas estão cada vez mais a serviço da desumanidade do que da sensibilidade.

Um mundo que se restringe a *likes* e *selfies* não pode ser encarado como normal. Já presenciamos situações que nos fazem acreditar que as pessoas estão "emburrecendo". O *selfie* tirado no velório do ex-presidenciável Eduardo Campos, por exemplo. Simplesmente, o cúmulo da falta de valorização da vida e dos sentimentos alheios.

Pesquisas comprovaram por meio de método científico que as pessoas já não creditam tanta confiança às Redes Sociais e que preferem encontros presenciais a virtuais quando se trata de confidências. Ainda assim, existem alguns incapacitas crônicos que se apropriam de confidencialidades a bel-prazer.

O Facebook, rede social que abocanha mais de 1,5 bilhão de usuários, tornou-se o palco dos horrores, onde capturar o melhor ângulo é mais importante do que viver uma experiência plena. A futilidade é tratada com exacerbada importância e a vida e suas reais discussões, como banalidade.

O apreço pela existência está cada vez mais em desuso. Tudo é piada. O bizarro é mais atrativo que a verdade. Aliás, a palavra verdade deve ser "ressignificada" no dicionário da interatividade. O anonimato consegue trazer à tona um perfil de usuário cada vez mais comum: crítico, sem causa, idiota em tempo real.

As pessoas já não sabem se as intenções e os sentimentos são verdadeiros. A pane é geral. No afã de ser o mais "antenado", "chique", "inserido" nos campos da sociedade, deixa-se de lado a identidade para vestir-se da máscara.

As pessoas parecem que se esqueceram que não vivem somente em um mundo virtual, mas que um mundo real existe aqui fora. Esqueceram que ainda pode existir amor ao próximo, um gesto de gentileza e amizade sincera.

Os rumos desta sociedade ainda é incerto. Estes novos comportamentos que pautam a sociedade atual ainda devem ser estudados com muito critério e parcimônia. A impressão que dá é que, ao passo em que as Redes Sociais ganham cada vez mais espaço na vida das pessoas, também as tornam mais incapazes de ser sociáveis.

issuu-downloader.com

Photoshop mudou o mundo

Renan Facure
4º período de Jornalismo

Quem nunca quis uma pele perfeita nas fotos? Ou aparecer com o corpo sarado no carnaval? Há pouco tempo, isso só era possível com dietas, tratamentos e mesa de cirurgia, o que hoje é possível com o Photoshop. O programa revolucionou a maneira como divulgamos as fotos e completa 25 anos em 2015.

Curiosamente, os que mais se deram bem não foram modelos, mas o mercado empresarial, em particular, o publicitário. "Tínhamos de nos esforçar mais na redação do texto, com frases mais chamativas, motes impactantes, etc. Agora, o apelo visual pode ser muito maior", conta o publicitário Fabiano Scussel que, com quase 30 anos de experiência, ainda tem recordações da época "pré-photoshop".

Antes, a manipulação de um texto de propaganda era toda a mão. Ele contratava outras empresas apenas para recortar e inserir cada letrinha do texto sobre a imagem. "O processo era lento e trabalhoso", lembra Fabiano.

A imagem de uma modelo, para aparecer bonita e chamativa na propaganda, precisava de técnicas fotográficas artesanais, multiplicação de imagens, sobreposição e recorte de fotos, sempre com tesouras, lápis, papel.... No final, montavam tudo em cima de uma mesa grande. Além disso, no currículo de um diretor de arte era essencial a habilidade de desenho a mão livre. "Era importante ter bons rascunhos, o desenho era fundamental. Com o Photoshop, hoje, qualquer um pode diagramar sem nem precisar de *rafs* (rascunhos)", lembra Fabiano.

Outra mudança curiosa é da faixa etária do publicitário. Antes, a idade era importante, um diretor de arte mais velho significada ter mais experiência nas técnicas, o tempo de serviço valia muito. Agora, com a facilidade do Photoshop, adolescentes aprendem o ofício ainda na escola.

Foto : Renan Facure

O publicitário Fabiano Scussel comenta a importância da tecnologia

É o caso de Arthur Mangussi, de 21 anos, que começou a usar o Photoshop aos 14 anos. "Observava meu irmão mais velho usando, daí, tive a curiosidade de ir mexendo. Hoje, trabalho com isso profissionalmente". conta ele.

Como tudo começou há 25 anos

Mas quem iria prever tudo isso 25 anos atrás? A ideia surgiu do engenheiro de softwares Thomas Knoll. Ele idealizou a primeira versão no dia 19 de fevereiro de 1990. Querendo muito investir nisso, três anos depois, ele conseguiu. Comercializou o Photoshop através da fabricante de softwares Adobe, que comemora bastante, pois hoje é o carro-chefe da empresa. As primeiras versões tinham apenas ferramentas básicas. Até chegar na atual versão, apelidada "CC 2014", o editor passou por 18 versões! Hoje faz parte de uma "família" de programas, chamada Adobe Collection, mas ele é o pai de todos. Apesar dos inúmeros recursos que possui hoje, a Gerente de Produtos Sênior do Photoshop, Zorana Gee, em entrevista para o site The Next Web, lembra que a criatividade do usuário sempre esteve à frente de todas as versões do programa. "As ferramentas do Photoshop têm evoluído muito nos últimos 25 anos e nós adicionamos muito para conseguir evoluir com os nossos clientes, em uma relação simbiótica, na qual oferecemos novas ferramentas, novas formas de fazer as coisas de forma mais fácil e, ao mesmo tempo, os usuários foram capazes de construir com essas ferramentas e se tornar ainda mais criativos. O Photoshop é uma grande parte de uma evolução da criatividade", revelou Gee. Para atender todas as necessidades, a fabricante possui uma enorme equipe de desenvolvimento para o Photoshop. Todos trabalham para otimizar seu principal produto. Assim, novidades ainda melhores virão para os próximos anos, e uma coisa é certa: o legado deixado pela ideia de Thomas Knoll revolucionou o modo como podemos imaginar o mundo. Para homenageá-lo, a Adobe, fabricante do programa, lançou um vídeo especial. Intitulado "Dream On", o vídeo foi feito quase todo usando apenas o próprio Photoshop, onde uma sucessão de imagens editadas acompanha o ritmo da música

de mesmo nome, da banda Aerosmith. As imagens usadas são fruto de diversos designers no mundo, com ilustrações reais tiradas até de filmes como "Avatar", "O Hobbit" e "Shrek". O sucesso do vídeo foi marcado por mais de 1,7 milhão de visualizações no YouTube.

issuu-downloader.com

População sofre com **insônia**

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os homens lideram o ranking

Pollyana Freitas
Stella Marjory
8º período de Jornalismo

Duas da manhã. O tic tac do relógio é alto demais. A cama não parece ser tão confortável. A reunião do dia seguinte não pode ser um fracasso. Preciso arrumar a bagunça que ficou na cozinha. Paguei a conta de luz?

É assim que muitas pessoas passam suas noites. De acordo com dados da OMS (Organização Mundial de Saúde), um terço da população já se queixou de insônia sendo que, desse índice, a cada três pessoas uma é mulher.

A insônia é definida como a incapacidade de dormir ou continuar adormecido durante toda a noite. Em consequência disto, a pessoa sente-se cansada logo no começo do dia. O distúrbio pode ser desencadeado por quadros de ansiedade, estresse, depressão, mudança no ambiente ou no horário de trabalho, má qualidade de vida incluindo maus hábitos alimentares, como ingestão de uma quantidade exagerada de cafeína, sedentarismo e outros, ou mesmo doenças e condições médicas que estejam desencadeando a insônia como, por exemplo, o hipertireoidismo.

> “Tenho que recorrer a técnicas de respiração. Corto alimentos como cafeína e energéticos

Sintomas

A estudante Vanessa Aguiar, de 21 anos, começou a apresentar os sintomas de insônia há um ano e meio devido à ansiedade. Ela mora em Sacramento e todos os dias viaja para Uberaba por causa da faculdade. “Eu chego em casa por volta de meia-noite e quinze. Daí, costumava ler até uma hora e ia dormir umas quatro, cinco horas da madrugada”, conta.

Na insônia, o sono é de quantidade e qualidade não satisfatórias. Essa má qualidade se reflete em diversos aspectos, como alerta a psicóloga Laís Mutuberria, por exemplo, no humor irritável, fadiga e cansaço, baixo desempenho no trabalho ou estudo, sonolência diurna, dificuldades ou queda na capacidade de concentração e memória, dores de cabeça, entre outros sintomas.

Alex Rocha, de 24 anos, também faz parte das estatísticas da OMS, desde 2008. Ele conta que, com o início da faculdade, teve problemas para adaptar seus horários. “Comecei até a dormir menos, principalmente em períodos de estresse. Foi daí em diante que o sono se tornou um detalhe, a ponto de eu me sentir bem com quatro horas dormidas. O problema é que, no dia seguinte, quando tenho uma rotina de trabalho e atividades, o desgaste chega mais facilmente e meu corpo sente a necessidade de descanso.”

Tratamento

A psicóloga chama a atenção para a importância de descobrir as causas da insônia para tratá-la de forma adequada. “O psicólogo irá avaliar a causa primária da insônia, se necessário, junto de um especialista da área médica e, assim que for identificado que a causa da insônia está relacionada a fatores mentais e emocionais, o paciente receberá o tratamento e as orientações pertinentes para superar o distúrbio do sono por meio da psicoterapia”, explica.

Foto : Arquivo JM Magazine

Laís Mutuberria fala da importância de diagnosticar as causas

Se a doença estiver relacionada a fatores emocionais e psicológicos, a psicoterapia apresenta resultados satisfatórios, mas outros tratamentos podem auxiliar. “Em muitos casos, como, por exemplo, nos casos de insônia decorrentes de um quadro depressivo, o paciente poderá necessitar de acompanhamento psicológico e psiquiátrico, além de também poder agregar tratamentos auxiliares como acupuntura, massagens relaxantes, mudanças no estilo de vida, incluindo atividade física e reeducação alimentar”, afirma Laís.

Alternativas

A dificuldade para dormir fez com que Alex procurasse novos hábitos, mesmo sem ajuda médica. “Frequentemente, tenho que recorrer a técnicas de respiração que aprendi na web e sucos de maracujá. Corto alimentos com cafeína e energéticos da alimentação”, conclui.

Vanessa optou pelo tratamento farmacológico. Há três meses, ela faz uso de medicamento indicado pelo seu psiquiatra. Apesar de não resolver o problema por completo, ela já notou a diferença. “Hoje, estou bem mais tranquila e mais calma. Consigo dormir melhor, mas ainda não é o suficiente e dia ou outro, eu fico até tarde de novo.”

issuu-downloader.com

Tribos: qual é a sua?

As várias fases da rua te levam a construir seu próprio estilo e maneira de ser

Drica Miotto
4º período de Jornalismo

Ao andar pela cidade, percebemos as diferentes tribos urbanas existentes. Mas o que são realmente as tribos? Adolescentes vestidos de forma diferente? Ou simplesmente uma expressão de rebeldia e personalidade?

Para pessoas como o Ricardo Spirandeli, estudante de 17 anos, sua tribo significa a vida. Pertencente à tribo Sertaneja, ele é apaixonado pelo estilo desde criança, por influência da família. Atualmente, faz parte da Comitiva Velho Barreiro. O grupo se reúne para cavalgadas, eventos e churrascos. "O grupo nasceu quando amigos, que também curtem roça, passaram a se reunir. Atualmente, somos em 50 pessoas e temos nossa própria camiseta para nos identificar em eventos de cavalgada", diz Ricardo.

Assim como Ricardo, diversos jovens sentem a necessidade de se agrupar, pertencer a um grupo e criar uma identidade. Segundo a psicóloga Júnia Alves, a construção da identidade é pessoal e sociocultural, visto que ocorre de modo interativo a partir das trocas que o indivíduo faz com o meio no qual está inserido. É importante ressaltar que a identidade está em constante desenvolvimento e não deve ser vista como algo imutável.

Tribos urbanas são grupos formados mais comumente nas metrópoles que compartilham hábitos, valores culturais, estilos musicais e/ou ideologias políticas semelhantes. Em Uberaba, terra do zebu, a tribo predominante é a dos sertanejos, caracterizada por escutar música sertaneja e se vestir de forma específica, com chapéu, cinto de fivela e botina. Entretanto, a diversidade de tribos na cidade é enorme. Basta olhar uma pouco mais atentamente que encontramos pessoas como Renato Borges, estudante de 16 anos que é apaixonado por *skate*. Ele pertence à tribo dos skatistas, caracterizada por pessoas que curtem o esporte.

Renato pratica a modalidade desde os cinco anos de idade. O local mais frequentado por ele e seu grupo de amigos é a pista do Parque das Acácias, o Piscinão, mas eles também andam nos Correios e em outros lugares como escadas, caixotes e corrimões. "Existe muito preconceito. Um exemplo é quando vamos ao supermercado, os guardas ficam andando atrás da gente, como se fôssemos assaltar o lugar. Quando perguntam o que vou ser quando crescer e falo que quero ser *skatista* profissional, pensam que vou ser mais um vagabundo no mundo", relata Renato.

Foto: tocadacotia.com

O processo de pertencimento a um grupo favorece a elaboração da identidade. Entretanto, também existem os aspectos conflituosos desse processo. Por medo de isolamento social, rejeição e críticas, muitos jovens adotam regras e comportamentos do grupo sem racionalizá-los por considerar essa a saída mais segura para não se expor e perder a aprovação do coletivo. "Percebe-se que a suposta segurança que o grupo oferece pode favorecer a construção e manutenção de preconceitos, agressividade e desenvolvimento de *bullying* com outros jovens, o que pode levar a situações com

issuu-downloader.com

> O processo auxilia na elaboração da identidade e no exercício de papéis sociais nos diferentes contextos

sérias consequências", afirma a psicóloga.

Esse tipo de situação extrema não acontece no grupo da auxiliar de dentista, de 21 anos, Rafaella Borges, pertencente à tribo dos *funkeiros*, caracterizada por ouvir e apreciar o *funk* carioca. Rafaella e seu grupo de amigos prefere não frequentar os bailes *funk* da cidade. "Hoje, vejo o *funk* muito vulgar aqui em Uberaba. Fazemos nossas próprias festas particulares", diz Rafaella.

De acordo com a psicóloga Júnia, a insegurança costuma ser uma característica comum entre os jovens, considerando a complexa etapa de estar entre a infância e a fase adulta, ou seja, não é percebido e nem se percebe como uma criança, mas também não é reconhecido socialmente como um adulto. "Se todos os adolescentes passam por essa fase de forma semelhante é uma questão que ainda permanece sem resposta única."

Em geral, pode-se dizer que a adolescência é uma tentativa de autonomia. "Ao mesmo tempo em que se busca identificação e pertencimento, vindo daí o fato de ser comum que o jovem sinta necessidade de pertencer a um grupo, o processo auxilia na elaboração da identidade e no exercício de papéis sociais nos diferentes contextos nos quais ele está inserido, ou seja, no sentimento de pertencimento é que a autonomia adquire alicerces."

Entretanto. as tribos não são formadas apenas por adolescentes. O servidor público, Eduardo Fernandes de Oliveira, de 37 anos, pertence à tribo dos roqueiros, caracterizada por gostar de *rock* e se vestir com camisetas de bandas.

Eduardo usou de seu amor pela música para construir sua empresa de excursões para *shows* de *rock*. "Eu nunca tive aptidão para tocar um instrumento musical, então, por volta de 2003, eu e meus amigos Roger Rezende, dono de um bar de rock, e Jorge 'Sapão' Curi montamos uma empresa para fazer eventos de *rock* em Uberaba. De 2003 até 2007, fizemos vários eventos e, por alguns motivos, tive que acabar saindo da empresa."

Roger continuou fazendo eventos e criou o bar. Nesse meio tempo, surgiram os *shows* internacionais no Brasil. "Primeiramente, íamos apenas em shows das nossas bandas preferidas. A partir disso, começamos a criar um grupo de pessoas para fazer as viagens e começamos a ir não somente nos shows que gostamos, mas em vários outros shows", finaliza Eduardo.

Aperte o play

Breno Cordeiro
6º período de Jornalismo

Ela chega anunciada pelo disco de vinil que rodopia na vitrola. Ela respeita a privacidade alheia quando sai dos modernos fones de ouvido. Ela mostra o seu poder colossal e a sua elegância imponente quando se faz ouvir por uma orquestra sinfônica.

Ela transforma vibrações de cordas, sinais digitais e a voz humana em arte. Ela acalma ansiosos, dá esperança aos amedrontados, estimula as mentes pensativas e faz flutuar os corações apaixonados.

Ela faz tremer o chão por baixo da bola de espelho em uma sala escura no centro da cidade. Ela acompanha a lágrima que insiste em escorrer pelo rosto dos derrotados, que sucumbiram sob o peso de uma vida sem melodias. Ela é a vida que marca o ritmo da arte e é marcada pelo ritmo do maestro que se perde no seu encanto. Ela é a música.

> Relembre as canções que ressuscitam os fantasmas do seu passado para que eles não assombrem seu futuro

Imagine se a música morresse. Imagine não ter uma canção preferida, passar pela adolescência sem idolatrar o guitarrista daquela banda que você adoraria conhecer. Pense num mundo sem dança, sem boates, sem as letras que são tatuadas nos corpos bronzeados que lotam as praias no verão. Imagine não saber o que é cantar no chuveiro, nem conhecer aquelas músicas populares da sua infância. Viver nesse mundo seria não conhecer uma das invenções mais absolutamente fascinantes do ser humano.

A música é algo que, em termos práticos, é inútil. Mas, falar de música é falar de arte. E falar sobre a utilidade da arte é falar sobre autoconhecimento. A música expõe nossas vulnerabilidades e explora nossa sentimentalidade. Ela nos define mais do que nós a definimos. Ela define o avô que, sentado na cadeira no crepúsculo da vida, se vê mergulhado em memórias de um tempo que já se foi, mas que se imortalizou pelo som da voz de um cantor que já não canta. Para o seu neto, esse som é insignificante. Mas outras melodias formarão os acordes da sua infância que, como a própria música, pode ser breve e fugaz.

Criamos e ouvimos música não só para descontrair, para adoçar uma reunião de amigos ou aliviar o estresse de um dia no trabalho, mas para chorar, para sofrer, para nos deixar absorver pela nossa própria melancolia. Porque é pelo sofrimento que aprendemos o que é ser feliz e é pelo silêncio que aprendemos a escutar o som, não como barulho, mas como música.

Por isso, ouça música. E não tenha medo de repetir. Relembre as canções que ressuscitam os fantasmas do seu passado para que eles não assombrem o seu futuro. Mas aproveite também para dançar, para esquecer que existe um mundo lá fora, fora da batida e do refrão eletrônico.

A música permite a viagem no tempo, nos deixa revisitar lugares que estão insuportavelmente longe e rever pessoas que estão irremediavelmente ausentes. E, para aqueles que exigem silêncio, lembre-se que existe sempre alguém pedindo *bis* e aplaudindo o espetáculo. Porque, enquanto houver silêncio, haverá som. Enquanto houver som, haverá música. Enquanto houver música, haverá vida. Por isso, não pense duas vezes: aperte o play e deixe o *show* começar.

issuu-downloader.com

Indie, o estilo de vida dos anos

Moda, música, fotografia e comportamento trazem tendências alternativas e vintage

Mariana Dias
8º período de Jornalismo

Fugir dos padrões da sociedade, ser alternativo e independente são características comuns da cultura *Indie*, comuns para jovens como Carolina Borges, Gabriel Marra, Hugo Pereira e Isabella Marques. O estilo "diferente" dos quatro universitários transparece mais nas músicas e nas fotografias. Na visão da antropologia, na cultura *Indie*, juntamente com a simplicidade e a valorização do pensamento independente, a informalidade torna-se marca do estilo.

Segundo a antropóloga, doutora Fernanda Telles Márques, as Ciências Sociais começam a falar de cenários *Indie* em estudos feitos em Chicago, nos anos 50, sobre redutos do *jazz* que se mantinham em bares pouco ou nada lucrativos.

> "Penso que um jovem que adere ao estilo o faça por identificação com os valores

O termo *Indie* remetia à condição de "independência" destas pessoas em relação às opiniões e instituições dominantes na época, o que era sugerido tanto pela música pouco elaborada, com cara de ensaio, quanto pelo despojamento e simplicidade dos músicos, da plateia e do próprio ambiente, sem muito apelo estético.

Depois disso, o tema *Indie* reapareceu no final dos anos 80, relacionado à cena da música norte-americana e, mais uma vez, em referência a certa independência em relação a algo: no caso, à indústria fonográfica. Há vários fatores – o sociocultural é um deles – que podem levar um jovem a seguir o estilo.

Para Fernanda, as culturas juvenis traduzem uma busca por formas originais de expressão, o que está relacionado à necessidade de identificação, ou seja, de diferenciação do Eu em relação às gerações mais velhas, representativas do Outro.

"Penso que, em linhas gerais, um jovem que adere ao estilo de vida *Indie* o faça por identificação com valores que não encontram guarida na cultura hegemônica. Mas não descarto, entretanto, que uma aparente 'resistência' aos ditames estéticos de uma grande indústria de bens simbólicos possa consistir em outra forma de adesão a esta mesma indústria", afirma Fernanda.

Fotos: Arquivo Pessoal

Carolina Borges, de 22 anos, fotografa desde os 13, e se interessou pelo Indie por meio da música Baumar

Livre e leve

"Inexplicável e fora do comum" é como Carolina Borges, de 22 anos, se define. O estilo *Indie* surgiu na vida da fotógrafa aos 13 anos, por meio da música com Baumer, The Killers, e Cansei de Ser Sexy.

Nas roupas e nas produções de fotos e vídeos, o que reflete é a calma do *Indie Folk*, por causa da influência de bandas como First Aid Kit, Campfire Ok, Bom Iver e Leo Stannard.

"Querendo ou não, de onde o *Indie* vier, ele vai trazer uma influência de décadas passadas. Seja ele voltado para o *Folk*, para *Rock* ou para qualquer outro estilo, a tendência vai ser dar um ar meio *vintage*. Assim como as músicas que ouço, acabo me vestindo de forma mais leve, me comportando

issuu-downloader.com

50 que tem conquistado jovens

da cultura. Febre passageira ou estilo de vida, o que importa é experimentar

Isabella Marques diz que o Indie se espalha, mas que isso pode mudar

de uma maneira que me faça sentir aquilo que eu estou fazendo", diz.

Para Carolina, ser *Indie* hoje em dia é modinha. "Mas essa modinha mudou de nome, agora é Hipster", opina.

> No campo musical, a cultura Indie está presente de forma muito clara no meu cotidiano

O universitário Gabriel Marra, de 21 anos, considera o termo *Indie* como um gênero musical – seja ele o Indie Rock, Indie Pop, Indie Folk – e não como sinônimo do termo "independente". "Porém, a exemplo de muitos outros termos, o senso comum apoderou-se dessa denominação e transformou-a, o que eu não acho ruim, de jeito nenhum", afirma.

Two Door Cinema Club, para Gabriel, é a banda que melhor representa o gênero. Segundo ele, TDCC pode ter nascido *Indie*, ou seja, independente, porém, depois de todo o seu sucesso em escala mundial, conquistou o apoio de gravadoras e existe uma grande estrutura por trás dela, portanto, não sendo mais independente. "Sei que isso pode parecer contraditório, mas um grande número de bandas pode até se destacar pelo seu *Indie Rock* ou *Indie Pop* e elas não são mais 'independentes', como no começo de suas carreiras", observa.

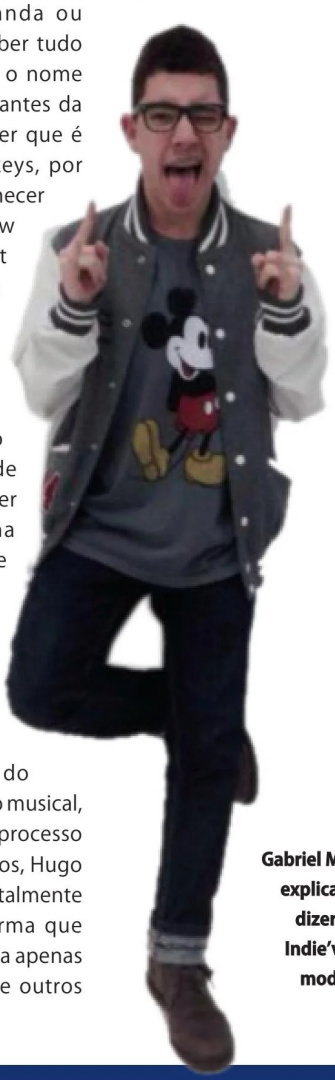
Logo após iniciar a faculdade de Publicidade e Propaganda, o gosto musical de Gabriel mudou drasticamente e o gênero favorito dele é o *Indie Rock*. "Até então, não tinha sido apresentado ao universo *Indie* e, quando fui, percebi que aquilo me servia. No campo musical, a cultura *Indie* está presente de forma muito clara no meu cotidiano. Eu acho o maior barato pesquisar novos artistas no Youtube, aqueles que ninguém conhece, mas representam um som de qualidade e com uma característica muito peculiar, interessante o suficiente para eu apresentá-lo para os meus amigos que também se interessam por esse universo", conta.

Modinha?

Assim como Carolina, Gabriel também acha que dizer 'sou Indie' virou modinha. "Não acredito que para alguém se considerar fã de alguma banda ou artista ela deva saber tudo sobre sua vida ou o nome de todos os integrantes da banda. Porém, dizer que é fã de Arctic Monkeys, por exemplo, e só conhecer Do I Wanna Know ou Fluorescent Adolescent, é uma piada", critica.

O fotógrafo e também estudante de Publicidade, Hugo de Brito Pereira, de 20 anos, crê que ser *Indie* é uma forma de ver a vida, se distanciando das culturas de massa e buscando uma personalidade mais autônoma. Apesar de sofrer várias influências do estilo *Indie* no gosto musical, no vestuário e no processo criativo em trabalhos, Hugo não se considera totalmente Indie, pois ele afirma que nunca se restringiu a apenas um estilo; gosta de outros relacionados à cultura de massa, como o Pop.

Como Gabriel, Hugo também se interessou pela nova cultura quando ingressou na universidade



Gabriel Marra explica que dizer 'sou Indie' virou modinha

issuu-downloader.com

e se tornou amigo de pessoas que também eram adeptas ao estilo. "Comecei a frequentar festas *Indie*, gostei da sonoridade diferente e cada vez mais eu aderi a esta cultura para o meu cotidiano. Procuro me vestir de forma alternativa, mas que tenha traços da minha personalidade e sempre com um toque retrô. Na fotografia, creio que a influência *Indie* dá um toque de drama e de profundidade ao tema retratado, apesar de já estar se tornando clichê, principalmente em redes sociais, como o Instagram", revela.

Quanto ao modismo do 'ser *Indie*', Hugo acredita que o mercado ainda tem muito a expandir na área que abrange muitos adolescentes, vendendo não apenas música, mas moda e estilo de vida. "Com isso, muitas bandas e artistas se popularizaram e estão se tornando cultura de massa acessível, como a Lorde, mesmo mantendo a 'pegada' alternativa", complementa.

A personalidade falar mais alto é uma característica que a blogueira Isabella Marques, de 20 anos, considera importante no estilo *Indie*. Isabella afirma que sempre gostou muito de ser diferente e, aos poucos, foi descobrindo a cultura a qual acabou a conquistando, principalmente, por ser mais alternativa.

> "Logo, a massa vai acabar esquecendo a modinha e se interessar por outra coisa

"Sempre gostei muito de descobrir músicas novas. Sou do tipo que acorda e do nada quer ficar caçando música onde for possível para ver se acho alguma que me conquiste. E foi em uma dessas aventuras que me deparei com a banda The Kooks, a primeira banda de *Indie Rock* atual que eu escutei e me chamou a atenção pelo estilo. Nessa mesma época, estava começando a me interessar por moda; então, acabei unindo as duas coisas na minha vida e, hoje, pode-se dizer que tenho em meu estilo uma boa mistura de *Vintage*, com alternativo e, às vezes, até mesmo algo pin-up. Com esse *mix* de moda e minha apreciação pela música alternativa, que cresce cada vez mais, me considero *Indie*", destaca.

Isabella sabe que o gosto pelo mundo *Indie* vai se espalhando pela massa, mas ela até prevê que isso pode mudar. "Eu vi várias bandas *Indie* ficando em destaque nos últimos dois anos. Mas também acho que tudo é fase. Logo, a massa vai acabar esquecendo a modinha *Indie* e irá se interessar por alguma outra coisa", sugere.

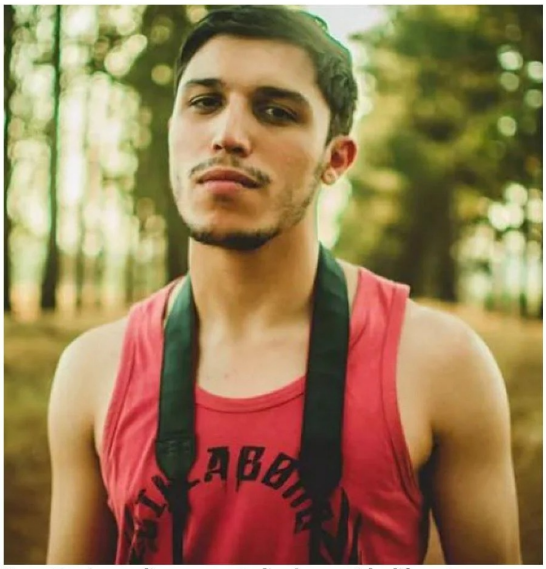


Foto: Arquivo Pessoal

Hugo Pereira explica que ser Indie é ver a vida diferente

Em transformação

Na opinião de Fernanda Telles, - ainda pensando no *Indie* como estilo de vida - as pessoas foram incentivadas, desde a infância, a manter uma atitude de relativa desconfiança em relação à hierarquia e aos *status quo* que estejam um pouco mais propensas. Ainda segundo a antropóloga, a cultura é dinâmica, ou seja, trata-se de algo que está sempre em transformação. Um dos movimentos que fazem parte desse dinamismo é o de cooptação de manifestações originalmente contra-hegemônicas quando estas se relevam como potencialmente rentáveis.

"No caso do *Indie*, contudo, a coisa é um tanto mais complexa, porque os chamados marcadores sociais de diferença são pouco visíveis no movimento original, que tem, como principal marca, o despojamento - que pode ser lido como uma tentativa de superação dos marcadores sociais. Assim, se o *Indie* já foi cooptado por um mercado de bens materiais e simbólicos, não se pode afirmar, em contrapartida, que todo mundo que se identifica como *Indie* está apenas seguindo uma 'modinha', ainda que sejam claros os indícios de que há uma parte significativa de sujeitos aderindo a traços isolados – e muito divulgados – do *Indie*", finaliza.

Luiza Carvalho
8º período de Jornalismo

A Declaração Universal dos Direitos Humanos diz que "toda pessoa tem direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios". A Constituição Brasileira também é clara: "Art. 215: o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional". Acesso à cultura, portanto, é um direito. O desafio é a quem produz: que tipo de cultura o povo quer?

Com o objetivo de promover eventos acessíveis, além de valorizar os artistas da cidade e otimizar espaços públicos, a Fundação Cultural de Uberaba e diversos produtores culturais da cidade têm promovido projetos gratuitos ou com ingressos de baixo custo. Eventos como o TEU Show e TEU Jazz, Cinema na Praça, Domingo na Concha, além de teatros, shows musicais, de dança e até festas literárias, como a FLU, movi-

issuu-downloader.com

Produção cultural enfrenta **desafios para alcançar sucesso**

mentam o calendário cultural.

Alguns eventos ficam lotados; outros, porém, não atingem um número expressivo de espectadores. Não basta apenas que os eventos sejam gratuitos: é preciso conquistar e atrair o interesse do grande público.

Para a presidente da Fundação Cultural de Uberaba, Sumayra Oliveira, os desafios só poderão ser vencidos se houver união de forças e de objetivos. "Levar cultura de qualidade deve ser um esforço do poder público, das universidades, da sociedade civil, das escolas, de todo mundo. É uma meta que a gente precisa cumprir, mas que tem muitos passos a serem dados", esclarece.

Para ela, há questões comportamentais que desafiam o poder público e que precisam ser levadas em conta. "O capitalismo prega hoje, para a juventude e para a maior parte da população, que o bacana é você gastar toda sua energia no *shopping*, para comprar algo, do que se deslocar para um museu, um teatro ou um bom espetáculo, mesmo que seja gratuito."

Foto: Arquivo Abadia Notícia

Poder público e artistas se unem para promover a arte em Uberaba

Quanto à divulgação, Sumayra acredita que esta não é a questão primordial. "A divulgação é um caminho, mas não é a grande solução, porque tudo passa pela abertura das pessoas em conhecer a nossa identidade e cultura local."

Em cena

Trabalhando com teatro há mais de 40 anos, o professor José Maria Madureira, que também atua na Secretaria Municipal de Educação e Cultura, também acredita no potencial da educação no segmento cultural. "Se houvesse quinzenalmente um espetáculo infantil, que fosse interessante, daqui a uns oito ou dez anos nós teríamos um público formado. Se começarmos a tentar sensibilizar desde a infância, certamente vamos começar a modificar o cenário."

O professor, contudo, acredita que os eventos culturais gratuitos ainda não são divulgados da maneira ideal. "Eu creio que o pessoal que faz as festas universitárias sabe divulgar muito mais do que o poder estabelecido. Eles estão na porta da faculdade entregando panfleto, estão nos bares à noite panfletando. É uma marcação grande. E observe que eles não utilizam muito a TV. São as redes sociais e aonde aglomeram pessoas. Agora, os artistas de Uberaba têm que descobrir como fazer essa penetração", argumenta.

Para Madureira, os eventos precisam ser sistemáticos para ter sucesso e se consolidar. "Não é fazer quantidade. É primeiro começar a repetir estilos de evento, para que fiquem marcados no calendário. Enquanto nós não conseguirmos persistir nesse tipo de trabalho, ele não vai formar um público", acredita

Madureira, que cita o sucesso do Domingo na Concha. "Como está sendo uma coisa persistente, todos os domingos, já está começando a formar um público fiel. Há também o TEU Show e TEU Jazz, pontualmente acontecendo às quintas-feiras, que também estão formando um público", cita ele.

Qualidade e acessibilidade

Para que os eventos sejam acessíveis e de qualidade, Madureira afirma que deveria haver uma união de todos os artistas. "Todos devem cobrar de uma forma conjunta. Não é mais para a música, para o teatro, ou para a literatura. São todos lutando por esse mesmo ideal, preocupados em fazer um trabalho de qualidade", sugere o professor.

Uma questão negativa, aos olhos dele, é a preocupação de vários artistas com o imediatismo. "Não é fazer quantidade. Você não vai conseguir produzir algo grandioso sem planejamento, será sempre mediano. E por isso ocorre uma coisa muito séria: o público vai, mas se ele for um pouco mais exigente, ele não vai voltar no próximo espetáculo. É uma coisa que deviam parar de preocupar: produzir em quantidade."

Aliando a qualidade ao incentivo, Sumayra afirma que uma das grandes conquistas da Fundação é ter mais voz ativa no governo, conseguindo mais verbas e aumentando as possibilidades de valorizar a cultura. "Antes, a maioria dos investimentos era em palco, som, iluminação. Hoje, 70% dos nossos investimentos em ações culturais são nos artistas. Eles têm que ser valorizados."

issuu-downloader.com

Das páginas às telas de cinema:

Gabrielle Paiva
8º período de Jornalismo

Os livros permitem que os leitores criem um universo paralelo, onde é possível imaginar, por meio das páginas da história, como são os personagens, ambientes e cenas descritas pelo autor. Quando os livros são adaptados aos cinemas, muitos fãs pulam de alegria, enquanto outros se frustram com os resultados. Muitas vezes, o filme foge da narrativa do livro, mas, mesmo assim, as adaptações são um sucesso de bilheteria e estimulam a venda da versão literária.

A assistente administrativa Andréia Ferreira, de 40 anos, é uma prova de que a febre dos livros que dão origem aos filmes atinge todas as idades. "Sou fã dos livros e dos filmes O Lado Bom da Vida, A Menina que Roubava Livros, A Última Música, a saga Crepúsculo, entre outros. Desde cedo, estimulei o hábito de leitura nos meus filhos. Hoje, minha filha Bruna, de 15 anos, e eu trocamos livros, conversamos sobre eles e sempre assistimos aos filmes juntas. Isso me aproximou das amigas dela, que estão sempre trocando esse tipo de livros comigo também", conta Andréia.

> "Desde cedo, estimulei o hábito de leitura nos meus filhos

A febre dos livros que chegaram às telas de cinema começou em 2001, com o lançamento do primeiro filme da franquia Harry Potter. A saga literária se tornou um sucesso nas bilheterias, com uma fatura de mais de 7,7 bilhões de dólares, nas livrarias, com a venda de mais de 450 milhões de cópias, em 69 idiomas e, principalmente, na vida da autora Joanne Kathleen Rowling, que se tornou uma das escritoras mais bem pagas do mundo.

As adaptações dos sete livros da saga Harry Potter ao cinema conquistaram um público de várias idades, desde os mais velhos até às crianças. Esse é o caso do estudante Luan Argemiro, de 16 anos, que acompanha a saga desde criança. "Comecei vendo os filmes da saga Harry Potter desde muito novo e isso me despertou o interesse em ler os livros em que os filmes tinham sido baseados. Hoje, os livros que são transformados em filmes são os meus preferidos, pois gosto de ler uma história, moldá-la na minha cabeça e depois ver os resultados no cinema", declara o jovem. O estudante conta que ainda é fã das adaptações das franquias Percy Jackson, Divergente e Jogos Vorazes.

A maioria dos leitores das franquias literárias adaptadas ao cinema defende que jamais se deve assistir a um filme antes de ler o livro. Mas, apesar disso, o sucesso das adaptações cinematográficas estimula a leitura das obras que deram origem ao filme. "Na maioria das vezes que li os livros não fazia ideia de que eles se tornariam filme. A única saga que assisti primeiro os filmes e depois li os livros foi O Senhor dos Anéis. Lembro de ver o filme e pensar 'se o filme é perfeito e não consegue abordar todos os detalhes, imagina como é o livro!' e não me enganei", conta a estudante de Direito Fabrícia Tavares, de 20 anos.

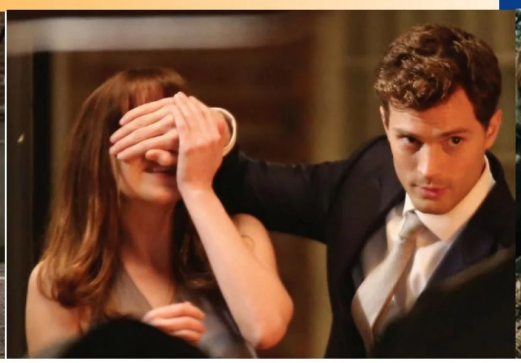
Fotos: Arquivo Pessoal

Luan Argemiro acompanha a saga Harry Potter desde criança

Sucesso em números

No Brasil, um grande exemplo do aumento das vendas dos livros adaptados às telas de cinema são os números da editora Intrínseca. Em 2011, para o lançamento da primeira parte do último livro da saga Crepúsculo, a editora lançou uma edição do livro Amanhecer, que trazia um pôster do novo filme na capa. Em apenas um

issuu-downloader.com



Fotos: adorocinema.com

a febre dos filmes baseados em livros

mês, foram vendidos 11.700 exemplares da nova edição.

Outro grande número apresentado pela editora aconteceu em julho do ano passado. Com uma semana do lançamento do trailer do primeiro filme da trilogia Cinquenta Tons de Cinza, o primeiro livro da série, que já havia ficado 60 semanas na lista de mais vendidos da Veja, chegou à marca da venda de 73.000 novos exemplares em apenas sete dias. Segundo dados divulgados no site da editora Intrínseca, com o lançamento do trailer, a trilogia apresentou um crescimento de 61% nas vendas, o que obrigou a editora fazer a reimpressão urgente de novos exemplares para atender aos novos fãs.

Recentemente, o *best-seller* A Culpa é das Estrelas se tornou um fenômeno de vendas no Brasil. Segundo o portal Filme B, entre a estreia do filme, no dia 05 de junho, até o dia 15 de julho, cerca de 6 milhões de pessoas assistiram o filme nos cinemas do país. Conforme dados da editora Intrínseca, em cerca de 40 dias, o livro vendeu 110 mil exemplares. A obra do autor John Green se tornou um sucesso nas livrarias do país e se consagrou como um dos cinco livros mais vendidos no primeiro semestre de 2014.

Ana Júlia é apaixonada pelo *best-seller* A Culpa é das Estrelas

A estudante de 13 anos, Ana Júlia Silva, é uma dos milhões de fãs do *best-seller* A Culpa é das Estrelas. Para ela, o livro se sobressai quanto à produção cinematográfica por conta da riqueza dos detalhes. "Eu amei o filme, os atores foram excelentes nas cenas, mas o livro é a minha paixão. Já li quatro vezes e sempre que posso indico e empresto para os meus amigos", explica Ana Júlia.

Livro x filme

Além da estudante Ana Júlia, os outros três entrevistados também preferem a versão literária das obras adaptadas ao cinema. "Definitivamente, eu prefiro os livros. A sensação de ler e ver a história se formando na sua mente, de como o autor vai descrevendo as cenas, não tem preço. A gente se sente muito mais imerso na história", afirma Fabrícia.

Já Andréia e Luan preferem os livros porque eles apresentam uma história com detalhes que às vezes passam despercebidos nas cenas dos filmes.

Um dos maiores motivos por alguns fãs preferirem as versões literárias é que, muitas vezes, as produções cinematográficas não seguem fielmente o roteiro apresentado nas páginas dos livros. "É muito chato ir ao cinema e ver que o livro que você tanto gosta não foi adaptado da forma como você esperava. Você sai da sala de cinema querendo matar o roteirista do filme", brinca Luan.

As razões

O especialista em cinema, Filipo Carotenuto, explica que essas mudanças nos roteiros dos livros acontecem por conta de algumas cenas que não se encaixam tão bem quando adaptadas ao cinema. "É complicado agradar todos os fãs, pois cada um tem uma cena preferida. Além de fazer com que centenas de páginas caibam em, no máximo duas horas, as produtoras desses filmes se preocupam com o sucesso na bilheteria, por isso, adaptam as histórias da maneira como acreditam que vão atrair o grande público", esclarece Filipo.

Fabrícia prefere os livros, mas admite que as mudanças nos roteiros não afetam a qualidade dos filmes.

"Geralmente, os livros que são adaptados aos cinemas são aqueles que, sem esforços, conquistam muito público. São aqueles que possuem personagens pelos quais os fãs se identificam e se reconhecem e então, através das cenas, nos emocionamos, sofremos com eles e nos sentimos mais próximos de algumas coisas que a vida real não pode nos proporcionar", conclui a estudante.

issuu-downloader.com

Cicloturismo promove descontração e saúde

Gabriela Chagas
4º período de Jornalismo

As pedaladas podem ser no asfalto, mas é nas trilhas de terra que o passeio se torna o melhor caminho a seguir. Nada de velocidade: os atletas buscam apenas completar o percurso e fazer disso a grande conquista do dia. Esse é o cicloturismo. Antes de se aventurar é preciso persistência, pois o trajeto exige preparo físico disposição e muita determinação.

O passeio cicloturístico tem duração de três horas, em média. São percorridos cerca de 40 quilômetros de trilha. É uma modalidade dentro do Mountain bike (MTB), esporte praticado por ciclistas com bicicletas especializadas e próprias para serem usadas em estradas de terra, trilhas de áreas rurais, trilhas em montanhas e até na cidade.

Foi por meio do MTB que surgiu a ideia do passeio cicloturístico, com descontração, sem ter o compromisso de competição entre os atletas. A ideia é aproveitar ao máximo o percurso com paradas, conhecendo lugares em meio à natureza e vale até um banho de cachoeira.

Apelidada como a Turma do Pedal, homens e mulheres se reúnem. Cada equipe conta com 20 pessoas , cada um com sua bicicleta.

Geralmente, se encontram, com hora marcada, duas vezes na semana, em um lugar na cidade para saírem todos juntos e iniciar o trajeto.

O passeio acontece em trilhas conhecidas , para evitar quaisquer surpresas desagradáveis, como se perder na trilha, ou serem repreendidos pelos fazendeiros, donos das terras aonde estão pedalando.

Um carro de apoio, com assistência técnica e orientadores de percurso, sempre está com a turma.

O ciclista Cleber Luiz Chagas, de 43 anos, mais conhecido como Clebinho, pratica o MTB há mais de 10 anos e também participa dos passeios. "É uma porta de saída para se desligar um pouco da rotina. Além do esporte ser o meu *hobbie*, os resultados na saúde são evidentes", diz Cleber.

Cuidados

O ritmo de pedalada cicloturística é de passeio, com paradas periódicas e reagrupamento dos ciclistas. "A regra é nunca ficar só. Todos chegam juntos. Companheiro é companheiro e nunca abandona o outro", ressalta Cleber.

De acordo com os orientadores de percurso, para esse passeio, a *bike* deve estar lubrificada, revisada, regulada, com pneus e suas respectivas câmaras de ar em ótimo estado e já calibrados, transmissão e freios em ótimo estado.

Queda e escorregões durante a rota sempre acontecem. Por isso, alguns acessórios são indispensáveis no trajeto como capacete, luvas, óculos de sol ou óculos de segurança, duas garrafinhas de água ou camel back (mochilas que armazenam água), gancheira e canivete multichaves.

Recomenda-se, ainda, que o atleta tenha pelo menos duas câmaras de ar em bom estado, bomba de ar, óleo para corrente, sapatilha ou tênis, meias, bermudas e camisetas de ciclismo.

Para os passeios noturnos, é essencial o uso do farol próprio de bicicleta.

Em alguns casos, os passeios cicloturísticos são realizados com um tempo maior de duração e as barras de cereais, barra ou gel energético e isotônicos são indispensáveis durante a trilha, para "tapear" a fome.

Quem se interessar em entrar nessa aventura basta participar o grupo "Cicloturismo Uberaba", no Facebook, mas lembre-se que é recomendável uma avaliação médica antes da prática do esporte.

Foto: sports.yahoo.com

Cicloturismo é uma modalidade derivada do Mountain bike, mas não prevê competição entre os praticantes

issuu-downloader.com

Dando o **sangue**

As bizarrices realizadas para homenagear os ídolos levam à reflexão

Fernando Gomes
6º período de Jornalismo

Não é todo dia que se lê a notícia de que uma fã mineira tatuou o nome do jogador Neymar na boca e, como consequência, perdeu o namorado ou, ainda, sobre a carta enviada ao TaecYeon, integrante da banda coreana 2PM, totalmente escrita com o sangue da menstruação de uma moça obcecada por ele. Não se lê todos os dias, mas é preocupante o quanto fatos assim têm se tornado comuns.

> As atitudes excêntricas são o diferencial entre o fã e o obcecado

As bizarrices realizadas pelo ser humano como forma de homenagear seus ídolos levam à reflexão. A que ponto as pessoas podem chegar para mostrar o amor àqueles que são tratados como deuses e referências? A resposta se torna simples e marcada: tudo é possível.

Não há nada de errado em seguir alguém que admira, seja um familiar, conhecido ou figura pública. O notável problema é o quanto e o que se faz para idolatrar.

A Neymarmania é o grande exemplo de que as emoções são mais afloradas do que qualquer atitude racional. Juliana Lemes, a fã da tatuagem nos lábios, contou que Neymar é o símbolo de ousadia e alegria e, por isso, tatuou seu nome em um lugar que fosse único. Criativo, se não fosse bizarro.

As bandas pop asiáticas causam outras atitudes em seus fãs: oferecer o próprio sangue. A moda das cartas escritas com um tipo de tinta bem inusitado se alastrou rápido entre as fanáticas. Começou na menstruação, com direito a uma pitada de pelos pubianos e vai se modificando, com cortes em várias partes do corpo.

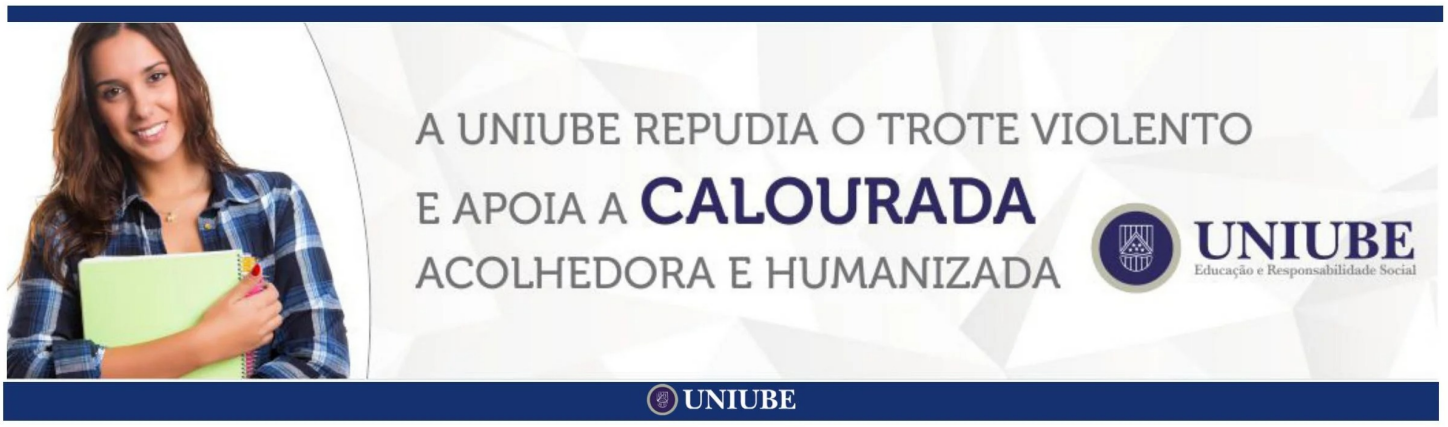
Mudar a aparência e o corpo para se parecer com os famosos, acreditar que não se pode viver sem eles e responsabilizá-los por tudo é a prova de que as pessoas têm se colocado em segundo plano.

Foto: sports.yahoo.com

Os fanáticos que se destacam nesse quesito são os fãs de Justin Bieber. Automutilação, corte de cabelo e até planejamento de sequestro e castração são pensamentos de presidiários obcecados pelo cantor que ganharam a grande mídia.

Os conceitos de idolatria mudaram. Hoje, ser um fã significa fazer algo arriscado pelo seu ídolo. As atitudes excêntricas são o diferencial entre o fã e o obcecado. Ninguém para e pensa no que tais atitudes podem causar à sociedade.

Seria uma grande decepção saber que o futuro pode trazer à tona loucuras piores. Pior ainda é saber que não é um futuro muito distante.



issuu-downloader.com

O prazer do **esporte** nas **artes marciais**

Mariana Rodrigues de Carvalho, 28 anos, formada em Educação Física, trabalha como personal trainer nas áreas de musculação, treinamento funcional, pilates e artes marciais. Ela já foi campeã mineira, brasileira, sul americana e pan-americana nas competições de Muay Thai e ganhou também duas vezes MMA regional

João Victor Matarim
4º período de Jornalismo

Revelação: Você é professora de Muay Thai. Quando surgiu a paixão por essa arte marcial?

Mariana Rodrigues: Desde novinha, sempre gostei de artes marciais, sempre assisti muito filme e sempre quis fazer. Teve uma época, nos meus 13 ou 14 anos, fui em uma academia pra fazer outra atividade (musculação) e conheci o Muay Thai. Comecei a praticar, gostei e me apaixonei pelo esporte.

> As mulheres estão vendo que podem fazer outro tipo de atividade física

Revela: Para quem não conhece, explique o que é Muay Thai e quais são suas regras?

Mariana: Muay Thai é uma modalidade originária da Tailândia, que tem mais de 2000 anos de existência. É conhecida no Brasil como "boxe tailandês". Muay Thay é uma arte que tem as oito armas para utilizar: o boxe, os dois punhos, cotovelos, joelhos, canelas e pés. As regras de luta são: pode-se acertar o oponente em toda parte do corpo dele, na parte da panturrilha, na coxa, na costela e na cabeça. Só não pode acertar as articulações. O objetivo do Muay Thai é ir ao nocaute, mas pode-se vencer a luta através dos pontos. Cada golpe que acerta equivale a um ponto. Não pode ir pro chão. Se chegar a escorregar ou tomar um contragolpe que se caia, desequilibre, o juiz para a luta. A luta só volta quando os competidores ficarem em pé para continuar a marcar os pontos.

Revela: Antigamente, existia preconceito de mulheres praticarem Muay Thai. Hoje em dia, o que você acha que mudou?

Mariana: Acho que a mulher está tomando um espaço muito grande na sociedade, em questão até de emprego, jogar futebol e isso mudou tanto na questão de se arrumar um emprego, quanto na questão de esporte também. Elas estão vendo que podem fazer um outro tipo de atividade e não só o balé, a dança ou a musculação mesmo.

Revela: Você já sofreu preconceito?

Mariana: Que eu tenha percebido, acho que não, mas vejo que é mais difícil ser mulher e estar competindo. Teve um campeonato que eu fui, me inscrevi em uma categoria e não teve ninguém pra lutar comigo. Ganhei de W.O. Isso para mim já não é legal. Queria ter ido, lutado, ganhado ou perdido. Isso acontece muitas vezes. Às vezes, vou em um campeonato e não tem ninguém pra lutar, porque não tem mulheres que estão aptas ao combate.

Revela: Quais seus títulos mais importantes?

Foto: Ramon Magela

Mariana salienta que falta incentivo para atletas de artes marciais

issuu-downloader.com

> Eu pretendo fazer mais lutas de MMA agora que está no auge, dando uma 'graninha'

Mariana: Já fui campeã mineira, brasileira, sul-americana e pan-americana e ganhei também duas vezes torneios de MMA Regional.

Revela: Qual a emoção de ter ganhado esses títulos?

Mariana: Quando a gente vai em uma competição, a gente quer ganhar. É muito bom e fico sempre emocionada quando ganho. Me sinto super bem. De todas as vezes que lutei, perdi uma vez. Essa vez que eu perdi foi péssimo. Fiquei chateada. Falei 'nossa, o que aconteceu?' Mas, fico superfeliz quando dá certo. É muito bom.

Revela: Quais aspirações você tem para o futuro?

Mariana: Eu pretendo fazer mais lutas de MMA. Acho que agora está no auge o MMA e é o que está dando uma 'graninha'. Pretendo melhorar nos campeonatos de MMA, mas não sei até quando, pela minha idade. Eu estou com um negócio que está ocupando muito o meu tempo (Academia Phisycus) e não está dando para treinar quanto eu gostaria. Mas eu pretendo ainda fazer mais algumas lutas de MMA.

Revela: Você encara o Muay Thai como uma luta violenta?

Mariana: O Muay Thai é uma luta violenta, mas quando o atleta vai pro MMA, que também é violento, as outras modalidades parecem mais simples. Quando você tenta golpear o rosto ou o corpo no geral da pessoa é uma coisa violenta. A pessoa, quando vai preparada para receber aquele golpe, ela treinou para aquilo.

Revela: O que pode ser feito para essa arte marcial crescer ainda mais no Brasil?

Mariana: Acho que tem que melhorar na questão de regras, até mesmo de professores, pois, depois que virou moda, muito professor quer ser professor de artes marciais, mas não sabe nada, que está machucando aluno. Esse profissional deveria ser formado em Educação Física porque a arte marcial é uma atividade física. O governo também poderia ajudar com patrocínio. Tem muita gente que quer ser competidor, quer lutar, mas não consegue patrocínio para lutar fora, em outra cidade. Falta incentivo do governo de apoiar atletas de artes marciais. Eu vejo muito mais incentivo no vôlei, na natação do que nas artes marciais.

portfólio
2ª CAMINHADA PELA VIDA
SEMANA NACIONAL DE DOAÇÃO DE ORGÃOS
20 DE SETEMBRO
Participe da caminhada pela doação de órgãos.
No dia 20 de setembro, na entrada principal da Uniube às 08h.
ENTRADA FRANCA
DÊ O MELHOR DE SI
DECLARE-SE UM DOADOR DE ORGÃOS
REALIZAÇÃO
MÁRIO PALMÉRIO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
CIHDOTT COMISSÃO INTRA-HOSPITALAR DE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS PARA TRANSPLANTES
APOIO
UNIUBE Educação e Responsabilidade Social
VAMHUS
MG Transplantes

issuu-downloader.com

Poker cresce no Brasil e chega ao interior

Gustavo Maluf
8° período de Jornalismo

Foto: extraworking.com

Estima-se que cinco milhões de pessoas pratiquem o esporte reconhecido em 2012 no Brasil

Impulsionado por uma série de fatores que contribuem para o crescimento do esporte, especialmente pela presença de um brasileiro na final do campeonato mundial (WSOP) de 2014, disputado nos Estados Unidos, o Poker é um dos esportes que mais crescem no Brasil em número de adeptos.

Atualmente, cerca de cinco milhões de brasileiros praticam o jogo reconhecido como esporte pelo Ministério do Esporte em 2012.

Para André Akkari, jogador profissional de Poker, em dois anos o número pode chegar a 15 milhões de praticantes do esporte no Brasil.

"É incrível como as coisas estão acontecendo rápido para este esporte no mundo inteiro e, como sempre, o reflexo no Brasil é imediato", escreveu o jogador em seu blog (aakkari.com.br).

> "A vida de um profissional de Poker, como de qualquer atleta, tem altos e baixos

As regras

O Poker é jogado com cartas e necessita de duas ou mais pessoas para jogar, sem limite máximo. Em um torneio, após pagarem as inscrições, todos os jogadores recebem a mesma quantidade de fichas.

Vence o torneio quem conseguir "roubar" todas as fichas de todos os adversários que se inscreveram no torneio. Existem torneios com mais de oito mil jogadores inscritos e premiações milionárias.

O que difere o Poker dos jogos de azar como bingo, jogo do bicho e roleta, proibidos por lei no Brasil, é a necessidade de estudo, técnica e habilidade para se vencer. A sorte também faz parte da vitória, mas, a longo prazo, são ínfimas as vezes em que o jogador contará exclusivamente com a sorte para vencer.

Sacramento tem LSP

Sacramento tem atualmente cerca de 25 mil habitantes e fica a 80 quilômetros de Uberaba. Segundo a Liga Sacramentana de Poker (LSP), cerca de 80 jogadores praticam o Poker na cidade, porém, de forma esporádica e em turmas separadas. Pensando nisso, um grupo de jogadores formou a LSP, a fim de divulgar e promover o esporte na cidade de forma organizada.

Em 2015, um campeonato reunindo o maior número possível de jogadores está sendo realizado durante todo o ano com quatro eventos classificatórios e um evento principal. A idade mínima é 18 anos e homens e mulheres disputam a mesma competição. Mais de R$ 5 mil serão distribuídos em premiações, mais troféus para os melhores jogadores da cidade.

Jogador com maior destaque na Cidade, Lucas Salum Araújo, 23 anos, possui resultados relevantes em torneios disputados pelo Brasil inteiro, como o título do Ribeiro Poker Tour – High Roller, disputado em 2011 na cidade de Ribeirão Preto/SP. Profissional do esporte por um período de sua vida, Lucas ressalta que, pelo tamanho da cidade, o Poker tem boa adesão entre os sacramentanos.

"A vida de um profissional de Poker, como de qualquer atleta, tem altos e baixos. No Poker, você lida com esses momentos com muita frequência e precisa se adaptar a fases ruins. A Liga é uma boa oportunidade para o esporte crescer ainda mais na cidade", destaca.

Para o vereador Rafael Cordeiro (PSDC), de 33 anos, a Liga é uma boa oportunidade para os jogadores esporádicos voltarem a jogar: "Devido à correria da política, não estou praticando o esporte com muita frequência. A Liga é uma boa oportunidade, pois tem datas marcadas com boa antecedência", afirma o vereador.

issuu-downloader.com

Vermelho

Foto: flickr.com/uberabasc

Thais Contarim
6° período de Jornalismo

Fechou o jornal que fora entregue na manhã daquele dia e suspirou. Com uma das mãos, cobriu o rosto e soltou um murmúrio de insatisfação que beirava à tristeza. Lembrou-se daquele domingo de 2003. Lembrou-se de como acordou ansiosa e de como tirou todas as suas roupas do armário à procura de uma camisa vermelha. Não tinha a que queria, mas precisava entrar no clima.

O almoço na casa dos avós, juntamente com toda a família, teve como acompanhamento projeções e palpites. O murmurinho, surpreendentemente, era maior no lado da mesa em que os homens se encontravam. E, entre eles, lá estava a garotinha com a camisa vermelha.

Após o almoço, a impaciência da pequena tornou-se maior do que ela. Sempre fora bastante ansiosa, mas, naquele dia, sentia-se mais incontrolável do que nunca. E quando todos começaram a se preparar para sair, ela foi a primeira a entrar no carro.

Na medida em que avançavam pela avenida, o fluxo de automóveis aumentava. Muitos seguiam o mesmo rumo que ela e alguns de seus parentes. Aos poucos, a cor vermelha começou a se destacar dentro dos carros, nos pedestres nas calçadas e nas bandeiras hasteadas que se agitavam com o vento. Até as buzinas soavam vermelho. O coração, vermelho, acelerava.

Foto: globoesporte.globo.com

Nunca tinha vivido, ao longo dos seus poucos nove anos, um acontecimento como aquele. Nem mesmo no ano anterior, quando o Fenômeno fez Oliver Kahn buscar a bola no fundo da rede por duas vezes. Foi emocionante, é claro, mas estava muito longe. Do outro lado do mundo. No entanto, naquele dia, estava em seu alcance. Tudo completamente palpável.

Ao aproximar-se do estádio, mais vermelho. Vermelho em todos os seus tons e em todos os lados. A atmosfera de empolgação abraçava o ambiente e, antes mesmo de adentrar o local, já era possível ouvir o barulho das vozes. O corpo da pequena se balançava no ritmo da música.

Na entrada, pequenas bandeiras vermelhas de papel eram distribuídas. Os torcedores já se acomodavam nas arquibancadas e pintavam os espaços com a cor rubra. Não demorou muito para a menina decorar o hino escrito no verso da bandeira e que tocava repetidas vezes no estádio. Aos poucos, cada canto foi sendo ocupado e a pequenina torcida adversária foi esmagada em um canto tão minúsculo quanto ela.

Fogos de artifício e sinalizadores vermelhos coloriram o céu quando a equipe colorada entrou em campo.

O Zebu estava mais imponente do que nunca. A torcida, vermelha, fazia um show à parte. E a garotinha, já apaixonada por futebol, apaixonou-se por vermelho. O vermelho do Colorado, o vermelho do amor, o vermelho do sangue que era dado em campo.

Com o gol, a torcida se inflamou. Pegou fogo. Vermelho vivo. Tão vivo quanto o sonho, tão vivo quanto a conquista que veio no final. Vermelho campeão. E o céu novamente se coloriu com o vermelho da vitória.

Voltando de seus devaneios, a jovem se levantou e foi até o quarto. Já não usava mais a camisa vermelha. Procurou em meio às suas coisas uma caixa e retirou de dentro dela outro jornal. Olhou para a foto de capa. Era uma foto de 11 anos atrás. Seu pai havia comprado o jornal quando viu que a família estava no registro.

Era difícil de reconhecer, quase impossível. Quase tão irreconhecível quanto a atual situação da equipe do Uberaba. O vermelho não estava mais ali. A foto não mostrava a beleza da cor, mas, sim, o preto e o branco, deixando a lembrança em lugar e tempo distantes.

Voltou a recordação para seu lugar e saiu do cômodo. Passou pela mesa e, de lado, jogou um último olhar sobre o jornal. A equipe do Colorado continuaria na Terceirona do Campeonato Mineiro. A jovem ficou vermelha. De raiva e de vergonha.

issuu-downloader.com

SEJAM BEM-VINDOS

AULA INAUGURAL

17/08 SEGUNDA-FEIRA

Compareça à recepção, na quadra coberta do Campus Aeroporto, para apresentação dos dirigentes da Instituição. Só depois, os calouros seguirão para os locais mencionados abaixo.

MULTIPERIÓDICO - 7h30

CURSOS	LOCAL
ADMINISTRAÇÃO	Biblioteca Central
DIREITO	P103
MEDICINA	S311
MEDICINA VETERINÁRIA	A22
ODONTOLOGIA	Z108
PSICOLOGIA	Z109

VESPERTINO - 13h30

CURSOS	LOCAL
ARQUITETURA E URBANISMO	V01
ENGENHARIA AMBIENTAL	Z212
ENGENHARIA ELÉTRICA	Z212
ENGENHARIA CIVIL	Z212
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	Z212
ENGENHARIA QUÍMICA	Z212

NOTURNO - 19h

CURSOS	LOCAL
ADMINISTRAÇÃO	Biblioteca Central
ARQUITETURA E URBANISMO	V01
CIENCIAS CONTABÉIS	Biblioteca Central
DIREITO	P103
DESIGN DE INTERIORES	V01
ENFERMAGEM	A110
ENGENHARIA AMBIENTAL	Z212
ENGENHARIA ELÉTRICA	Z212
ENGENHARIA CIVIL	Z212
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	Z212
ENGENHARIA QUÍMICA	Z212
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	Z212
FÁRMACIA	Laboratorio D14
FISIOTERAPIA	A124
TEC. EM GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS	A23
ODONTOLOGIA	Z108
PSICOLOGIA	A09
PUBLICIDADE E PROPAGANDA	Bloco L

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

issuu-downloader.com